

TEATRO

Situações XI

*Um interessante testemunho do que pode
ser o teatro pós-pós-moderno*

◆ **NUNCA NADA DE NINGUÉM**
de Luísa Costa Gomes

Quando, na história da evolução do teatro, o Arlequim decidiu retirar a máscara e mostrar o seu rosto humano, a comédia mostrou-se a irmã gêmea da tragédia social. O século XX tem sido, sobretudo a partir do fim da II Guerra Mundial e das experiências do teatro dito do Absurdo, o palco por excelência das arlequinadas convulsivas do Homem privado de Deus, privado de Sentido, cujo Rosto vazio em Corpo doente é o próprio reflexo da deriva social. O riso, o «non-sense», a incomunicabilidade, a crueldade são a metáfora magnífica da Era do Vazio.

Nunca Nada de Ninguém é a estreia profissional (feliz) de Ana Tamen na encenação e também de Luísa Costa Gomes como autora dramática em língua portuguesa (antes, escrever comédias em inglês, próximas, como **Houses Without Walls**, em estilo e forma, do «absurdo» dos autores anglo-saxónicos). Trata-se de um interessantíssimo testemunho do que pode ser um certo teatro realista, depois do pós-modernismo: uma síntese de um teatro filosoficamente desenhado com o imaginário popular da comédia, estruturando-se, quase paradoxalmente, nos moldes formais do teatro político-épico e no exercício de improvisação criadora do comediante. Enunciados assim os pressupostos, que são quase a história abreviada do de **do século dramaturgia da segunda meta-título** que nos é dado a ver no **ACARTE** é um modelo pacífico de didactismo teatral. Pelo

contrário, a polémica está presente nas regras deste jogo. Na verdade, a forma dramática ensaiada por Luísa Costa Gomes — e que Ana Tamen decidiu manter na sua formalização mais descartada e o menos intelectualizada possível — poderá levantar as mesmas objecções que a mundivisão das telenovelas tem provocado entre os dramaturgos de um realismo mais empenhado. Objecções igualmente despertadas pelo naturalismo fotográfico de alguns autores ingleses, que privilegiam o desenho de personagens-tipo, movendo-se em situações estereotipadas, sem o suporte dramático de uma resolução que revele a verdade política do autor. Nunca Nada de Ninguém é, também, neste sentido, uma peça que não aponta soluções e opta por se colocar no lugar de um olhar exterior, emitindo na direcção do espectador um conjunto de quadros de costumes quotidianos, banais e reconhecíveis, girando à roda dos lugares-comuns que enformam o nosso dia-a-dia e poderiam ser «apanhados» por uma qualquer câmara oculta: mulheres que monologam (no psiquiatra? no médico? no confessor?) sobre os seus problemas, angústias, desejos e obsessões, mulheres e homens que comem e se confrontam num modesto restaurante cidadão, mulheres que se encontram num vulgar parque-infantil, «ménages» que se fazem e desfazem em quartos de dormir, mulheres que se encontram e falam sem se ouvir, mulheres e homens que mascaram em festa a pobreza do seu relacionamento estereotipado que o veículo. Mas, o que distingue esta «revisão» da banalidade dos discursos humanos — em



que tipos e classes sociais se irmanam e se equivalem, quer discutam as formas mais rentáveis de «engate», quer perorem sobre ecologia, política ou a CEE — de um qualquer outro espectáculo «revisteiro» é justamente a brutalidade generalizadora, a que a figura (feminina) do Job bíblico, aparentemente deslocada, dá corpo. Brutalidade reforçada ainda pela estrutura descontinua (e interseccionada) e pelo desenho múltiplo dos tipos em que os actores se desdobram de forma perturbante. A modificação caberá, em última análise, ao espectador que se sentir atingido. Ninguém fala nunca de nada com ninguém — essa é a única «mensagem» que o espectáculo decidiu veicular.

A simplicidade, a leitura imediata, a clareza das situações, o ritmo (que, ao contrário da comédia tradicional, não procura um clímax mas a interrupção abrupta), são as bases da estratégia instaurada pela encenação de Ana Tamen e pelos ambientes criados por Nuno Júdice. **Assessores** — etimologicamente: os que agem — que agem realmente a seu favor — a sua própria vantagem — a sua glória — a sua honra — a sua fama — a sua influência — a sua autoridade — a sua importância — a sua relevância dos seus pares (o público, a comunidade, Portugal), coube a parte de leão no «dar a ver» — quem sabe se até inconscientemen-

te — as implicações de teor filosófico (as sociedades são aquilo que dizem e como o dizem) escondidas na estratégia do riso. Rita Blanco, João Lagarto, Alexandra Rosa, Lúcia Franco, Paulo Filipe, Teresa Roby e Nuno Melo, constituem um conjunto à partida muito heterogéneo mas que funciona e, em muitos casos, ultrapassa até condicionalismos particulares. Rita Blanco e João Lagarto, os dois actores mais munidos para o desempenho cómico, são aqui o exemplo mais marcante de como a direcção de actores funcionou na exploração da versatilidade.

Comédia «rasteira» e retrato cínico da sociedade portuguesa? Mas não estará aqui suposto que compete aos cidadãos mudar os «jogos de linguagem» se quiserem modificar a sociedade a que pertencem? E não era justamente disso que falava Wittgenstein na sua teoria das «determinações comunitárias»? Afinal, Nunca Nada de Ninguém limita-se a colocar-nos perante um levantamento da situação. A terapia a aplicar é da *virtude da social*.

(CAM, Sala Polivalente: hoje 18h30;
amanhã 16h. Últimas)

Eugénia Vasques